

A CONTRARREFORMA DO ENSINO MÉDIO E A FORMAÇÃO DAS JUVENTUDES PARA O TRABALHO PRECARIZADO

Luana Vargas Gonsales[1]
Clésio Acilino Antônio
Unioeste/PPGE

As mudanças ocorridas no Ensino Médio brasileiro a partir da Lei nº 13.415/2017 intensificaram os debates acerca da relação entre a educação e o trabalho, especialmente diante da reorganização curricular fundamentada na flexibilização dos percursos formativos e na centralidade do desenvolvimento de competências.

Diante disso, a problemática desse estudo consiste em compreender como a contrarreforma do Ensino Médio se relaciona à formação das juventudes para o trabalho no contexto do capitalismo contemporâneo. A análise fundamenta-se no materialismo histórico-dialético, compreendendo a educação como uma prática social historicamente determinada e atravessada por contradições de uma sociedade capitalista. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, onde serão utilizados autores do campo crítico da educação.

A discussão parte da compreensão de que educação e o trabalho constituem dimensões históricas indissociáveis, onde o ser humano produz a sua própria existência por meio do trabalho, e simultaneamente, aprende nesse mesmo processo (Saviani, 2007). Para Lombardi (2010, p.20-21) “a educação é determinada, em última instância, pelo modo de produção da vida material”, visto que ela “está profundamente inserida no contexto em que surge e se desenvolve, também vivenciando e expressando os movimentos contraditórios que emergem do processo das lutas entre classes”.

Compreende-se dessa forma que as transformações históricas na relação entre a educação e o trabalho acompanham as distintas reconfigurações do sistema capitalista, remodelando-se conforme a necessidade de reprodução do capital. Nesse contexto,

[1] Na elaboração deste trabalho foi utilizada uma ferramenta de inteligência artificial generativa exclusivamente para revisão textual e aprimoramento linguístico.



torna-se pertinente analisar as transformações ocorridas a partir da Lei nº 13.415/2017, que instituiu a contrarreforma do Ensino Médio. A utilização do termo "contrarreforma" nesse estudo relaciona-se à compreensão de que tais mudanças representam um retrocesso em relação aos avanços educacionais anteriormente construídos de forma democrática, e expressam interesses vinculados à racionalidade neoliberal (Ramos; Paranhos 2022).

A organização curricular instituída pela contrarreforma do Ensino Médio altera a estrutura anteriormente vigente, tendo como base um modelo diversificado e flexível, onde o currículo passa a ser composto pela BNCC e pelos itinerários formativos. Esse cenário favorece uma distribuição desigual do conhecimento à classe trabalhadora, onde tem-se uma formação aligeirada e focada no desenvolvimento de tarefas simples (Kuenzer, 2017).

Esse contexto expressa uma proposta de formação das juventudes que reflete um projeto de sociedade, elaborado e impulsionado pelo setor empresarial para alinhar a educação aos interesses e demandas do capitalismo contemporâneo, no qual o ensino de conhecimentos historicamente acumulados é substituído por um ensino utilitarista, focado em competências (Ramos; Frigotto, 2017; Quadros; Krawczk, 2017)

Nesse aspecto, destacam-se as competências socioemocionais que priorizam os saberes atitudinais e comportamentais em detrimento de uma formação que assegure o domínio das bases científicas e tecnológicas (Rummert; Algebaile; Ventura, 2012). Essa lógica atua na formação de subjetividades flexíveis, na qual as juventudes passam a naturalizar o trabalho temporário e fragmentado, valorizando mais a sua adaptabilidade do que as suas qualificações profissionais (Kuenzer, 2017).

Dessa forma estrutura-se uma lógica neoliberalista, que para além de uma doutrina econômica, configura uma racionalidade em que cada sujeito passa a se compreender como um empreendedor de si mesmo, assumindo individualmente os riscos e fracassos produzidos por um sistema estruturalmente desigual (Dardot e Laval 2016).

Essa racionalidade neoliberal expressa-se principalmente na expansão da plataformização do trabalho, caracterizado pela flexibilização do vínculo empregatício, remuneração sob demanda e produção "just in time". Consequentemente, ocorre a intensificação da exploração do trabalho, por meio da desregulamentação das relações trabalhistas, expansão da terceirização, pejotização e estímulo ao empreendedorismo - onde o trabalhador é responsabilizado por sua inserção no mercado de trabalho, desvinculando-se de formas coletivas de organização (Sousa; Pochman; Bonone, 2021).

Inseridos nesse cenário, os jovens ocupam uma posição vulnerável tanto no que tange à plataformização, quanto à uberização, devido a uma combinação de fatores econômicos, físicos, tecnológicos e sociais. Esse modelo de organização do trabalho atinge principalmente jovens negros e periféricos, que encontram nos aplicativos uma alternativa de geração de renda, diante das dificuldades históricas de acesso ao emprego formal (Abílio 2020).

Essa discussão evidencia como a contrarreforma do Ensino Médio integra um projeto educativo comprometido com a formação de jovens capazes de responder às exigências do atual padrão de acumulação capitalista. Ao privilegiar o desenvolvimento de competências socioemocionais e comportamentais em detrimento da apropriação dos conhecimentos científicos historicamente produzidos, a contrarreforma do Ensino Médio contribui para a formação de juventudes ajustadas às demandas do capitalismo contemporâneo, reforçando uma concepção de educação subordinada às necessidades de reprodução do capital.

Palavras-chave: Contrarreforma do Ensino Médio. Juventudes. Precarização do trabalho.

REFERÊNCIAS

ABILIO, Ludmilla. Uberização e juventude periférica. **Novos Estudos do CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597, set./dez. 2020. ISSN 1980-5403. DOI: https://doi.org/10.25091/S01013300202000030008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/



nec/a/zwB63zdGw9nNzqPrS7wFsMN/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 02 ago. 2026.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A fábrica do sujeito neoliberal. In: DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016. p. 321-376

KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p.331-354, abr./jun. 2017. ISSN 1678-4626. DOI: https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017177723. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/mJvZs8WKpTDGCFYr7CmXgZt/. Acesso em: 05 ago. 2026.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação e ensino em Marx e Engels. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 2, n. 2, p. 20-42, ago. 2010. ISSN 2175-5604. DOI: https://doi.org/10.9771/gmed.v2i2.9581. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9581. Acesso em: 02 ago. 2026.

QUADROS, Sérgio Feldmann; KRAWCZK, Nora Rut. Educando a juventude trabalhadora pelas métricas do mercado. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, 2024. ISSN 1982-6621. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698-34470. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/34470. Acesso em: 05 ago. 2026.

RAMOS, Marise Nogueira; FRIGOTTO, Gaudêncio. "Resistir é preciso, fazer não é preciso": as contrarreformas do ensino médio no Brasil. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, ES, v. 19, n. 46, p. 26–47, jul./dez. 2017. ISSN 2317-742X. DOI: https://doi.org/10.22535/cpe.v22i46.19329. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/educacao/pt_BR/article/view/19329. Acesso em: 07 ago. 2026

RAMOS, Marise Nogueira; PARANHOS, Michelle. Contrarreforma do ensino médio: dimensão renovada da pedagogia das competências? **Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 34, p. 71-88, jan./abr. 2022. ISSN 1981-3031. DOI: https://doi.org/10.22420/rde.v16i34.1488. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1488. Acesso em 07 ago. 2026.

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. Educação e formação humana no cenário de integração subalterna no capital-imperialismo. In: SILVA, Mariléia Maria da; EVANGELISTA, Olinda; QUARTIERO, Elisa Maria. **Jovens, trabalho e educação: a conexão subalterna de formação para o capital.** Campinas: mercado de Letras, 2012. P. 15-70.



SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação,** v. 12, n. 34, p.152-180, jan./abr. 2007. ISSN 1809-449X. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/. Acesso em: 01 ago. 2026.

SOUSA, Edvânia Ângela de; POCHMANN, Márcio; BONONE, Luana. Juventude e trabalho plataformizado no Brasil: juventude indicando tendências. **Revista Ciências do Trabalho**, out. 2021. [S. l.], n. 20, p. 1-12, out. 2021. ISSN 2319-0574. Disponível em: https://rct.dieese.org.br/index.php/rct/article/view/285. Acesso em: 08 ago. 2026.